

## UMA DIALÉTICA DE OLHARES: UM EXERCÍCIO HEURÍSTICO-INDICIÁRIO PARA A INVESTIGAÇÃO DO TERRITÓRIO DA CRACKOLÂNDIA DE GOVERNADOR VALADARES (MG) ENQUANTO DISPOSITIVO INTERACIONAL<sup>1</sup>

Tiago Farias Braga<sup>2</sup>  
Fabrício Lopes Silveira<sup>3</sup>

### RESUMO

Compreender a lógica processual dos territórios, reconhecendo-se aí as territorialidades e interacionalidades múltiplas que vicejam na contemporaneidade, demanda um esforço complementar das diversas Ciências Sociais, em especial, da Comunicação. Insere-se, neste cenário, o estudo das “crackolândias”<sup>4</sup>, cuja investigação requer a invenção/adaptação de métodos que possam dar conta da abordagem desses espaços de confusão entre o público e o privado, o lugar e o não-lugar, além das suas formas de domínio e apropriação. Propõe-se, com base em alguns tensionamentos teóricos e metodológicos, a “dialética dos olhares” como uma tentativa heurístico-indiciária de pesquisar o território de uma crackolândia específica enquanto dispositivo interacional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dialética dos olhares; dispositivo interacional; crackolândia; território.

## A DIALECTIC OF SEEINGS: AN HEURISTIC-INDEXICAL EXERCISE FOR THE INVESTIGATION OF THE CRACKOLÂNDIA TERRITORY OF GOVERNADOR VALADARES (MG) AS AN INTERACTIONAL DISPOSITIF

### ABSTRACT

Understanding the procedural logic of territories, recognizing there the multiple territorialities and interactions that flourish in contemporary times, demands a complementary effort from the various Social Sciences, especially Communication. In this scenario, we study the “crackolandias”, whose investigation requires the invention / adaptation of methods that can account for the approach to these spaces of confusion between the public and the private, the place and the non-place, besides their forms of domination and appropriation. It is proposed, based on some theoretical and methodological perspectives, the “dialectic of seeings” as a heuristic-indexical attempt to investigate the territory of a specific crackolândia as an interactional dispositif.

**KEYWORDS:** Dialectics of seeing; Interactional dispositiv; Crackolândia; Territory.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, durante o XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em Joinville, na UniVille, entre 03 e 08 de setembro de 2018.

<sup>2</sup> Doutorando em Comunicação pela UNISINOS, Mestre em Gestão Integrada do Território pela UNIVALE, Bolsista da FAPEMIG e Oficial da PMMG.

<sup>3</sup> Jornalista. Mestre e Doutor em Ciências da Comunicação. Vinculado hoje, como pós-doutorando, ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>4</sup> O uso da letra “k” serve para demonstrar que há outras, além da tão estudada e midiaticizada “Cracolândia” de São Paulo, bem como para destacar aquela que é objeto desta investigação.

## INTRODUÇÃO

No bojo dos diversos problemas sociais encontrados na contemporaneidade, cujos nuances desafiam a capacidade de resposta de atores diversos (do Estado, das organizações não-governamentais, da população em geral e, até mesmo, da comunidade científica), encontra-se o da caracterização e compreensão adequada da lógica processual dos territórios.

Inserir-se aí o problema social relativo ao uso explícito e crescente do crack, vislumbrado, por vezes, como uma droga que leva à depreciação do espaço público e, ao mesmo tempo, questiona essa sua condição ao torná-lo privado, na medida em que as territorialidades se estabelecem naquele dispositivo interacional de forma a expulsar os estranhos, ao ponto de transformá-lo em um lugar de uso/fruição particular, no caso, dos envolvidos na atividade ilícita. Esses lugares, assim compreendidos, são potenciais alvos de políticas higienistas revestidas de discurso revitalizantes<sup>5</sup>.

Deste modo, o cenário múltiplo ora contextualizado desperta um problema de pesquisa cujas respostas demandam uma sistemática investigação prévia, a saber: como se configura, enquanto dispositivo interacional, o território de usuários de crack próximo ao Mercado Municipal de Governador Valadares? Quais são as lógicas desse processo interacional?

Por esse prisma, o presente trabalho tem como objetivo apresentar brevemente o potencial expressivo deste objeto para a pesquisa comunicacional e a necessidade de invenção/adaptação de métodos para tal propósito. Preliminarmente, a fim de investigar a lógica processual do território da mencionada “cena de uso”<sup>6</sup> de crack, deve-se buscar por indícios variados de como se caracteriza aquele lugar (ou não-

---

<sup>5</sup> Cabe aqui a observação feita por Vitor *et. al.* (2018) sobre o processo de gentrificação, no sentido de que este, por suas especificidades, quando olhado rapidamente, aproxima-se “e, muitas vezes, se mescla aos processos de revitalização urbana”. A diferença entre ambos seria que “o primeiro está atrelado a interesses imobiliários, enquanto a revitalização pauta-se em demandas sociais específicas”.

<sup>6</sup> Adotou-se, sempre que possível, a terminologia constante em Brasil (2013), no curso de Multiplicador Nacional de Polícia Comunitária, direcionado especialmente para a atuação dos operadores nas “cenas de uso de drogas”. Contudo, assim como em outros trabalhos, preservamos essa expressão que aparecerá entre aspas, a fim de evitar confusões semânticas, tendo em vista que a expressão “cena” pode ter conotações variadas dentro de uma abordagem comunicacional e territorial. Pela mesma razão, em muitas ocasiões, preferiu-se manter o termo “Cracolândia” (ou cracolândia), em detrimento da expressão “cena de uso”.

lugar<sup>7</sup>), analisando os aspectos materiais, imateriais, relacionais e quaisquer outros que possam contribuir com o processo de compreensão mais ampla do dispositivo interacional.

Vale ressaltar que a pesquisa anterior<sup>8</sup> sobre este território serviu tão somente, como estudo piloto, pois tinha outros propósitos investigativos e carecia de metodologia adequada para discussões comunicacionais. Todavia, permitiu um conhecimento material do dispositivo (e.g. a delimitação da região do “quadrilátero”<sup>9</sup> da crackolândia), podendo-se avançar agora em condições de ampliar olhares, métodos e procedimentos, buscando-se bem elencar quais os observáveis e o que observar neles. Com os esforços que têm sido desenvolvidos de aproximação com o objeto empírico, por meio de verificação de filmagens do sistema de monitoramento “Olho Vivo”<sup>10</sup>, vídeos no YouTube, outros documentos a respeito da área e, principalmente, das caminhadas de observação permeadas pelo imaginário do *flâneur* benjaminiano, encontros e desencontros vislumbram-se como procedimentos heurísticos. Assim, com o intuito de demonstrar aspectos que validam a construção sempre em processo dessa metodologia, proceder-se-á aos tensionamentos teórico-conceituais relevantes a esse percurso<sup>11</sup>.

## TENSIONAMENTOS TEÓRICO-CONCEITUAIS

---

<sup>7</sup> Para Augé (1994), o lugar é um local de pertencimento, em que o sujeito se reconhece e se enraíza; já o não-lugar seria aquele local onde o sujeito não se reconhece, um espaço com o qual ele não se identifica. São locais de passagem.

<sup>8</sup> BRAGA, Tiago Farias. O território da crackolândia: um “novo-antigo” calcanhar de Aquiles do Centro de Governador Valadares. 2015, 220f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Gestão Integrada do Território, Universidade do Vale do Rio Doce, Governador Valadares.

<sup>9</sup> Inferência da dissertação de mestrado em Gestão Integrada do Território, concluída em 2015, por meio da qual se verificou que “a área que abrange as partes mais relacionadas à ‘cena de uso’ em estudo, e que caracterizam a crackolândia em sua dinâmica mais rotineira” (BRAGA, 2015, p. 109), na junção dos endereços, constituía “um quadrilátero de formato retangular” (Ibidem, p. 109), quando reproduzida cartograficamente. Para mais detalhes sobre a convenção/inferência “Quadrilátero” da Crackolândia do Mercado Municipal, ver dados da pesquisa referenciada na nota anterior.

<sup>10</sup> O Programa “Olho Vivo”, conforme se abstrai do sítio eletrônico da Secretária de Estado de Defesa Social (SEDS), “consiste no videomonitoramento de imagens geradas por câmeras estrategicamente distribuídas em regiões com altos registros de ocorrências de criminalidade contra o patrimônio”. É uma ferramenta importante para a prevenção e repressão deste tipo de criminalidade nas áreas instaladas. Em Governador Valadares o sistema passou a funcionar em 26 de novembro de 2011, sendo composto por 54 câmeras, sendo 44 na região central da cidade e outras 10 no bairro Nossa Senhora das Graças.

<sup>11</sup> Vale salientar que, dadas as ênfases específicas, possíveis de serem tratadas aqui, no espaço restrito desse texto – nosso foco principal recaindo na elaboração de um desenho teórico-metodológico –, outras angulações ficam prometidas para a continuidade do trabalho. Dentre elas, colocam-se, por exemplo, discussões mais aprofundadas sobre vigilância, sobre a relação entre técnica e ideologia (cf. Sfez, 2002).

Dentro da estrita brevidade desta proposta de trabalho, cumpre salientar que a pesquisa apresenta dimensões teórico-preliminares com demasiado potencial de contribuição para o campo comunicacional, tais como as interfaces teóricas com o Direito e outras disciplinas (e.g. a Gestão Integrada do Território), por meio dos conceitos de território / dispositivos interacionais e o tensionamento das ideias de circuitos fechados / abertos, em face da hibridez da crackolândia enquanto dispositivo interacional.

Assim sendo, trazem-se à tona os conceitos e suas articulações de interfaces entre as proposições e relações entrecampos/entrementes comunicacional-jurídicas e/ou comunicacional-territoriais<sup>12</sup>, a fim de estabelecer as “inferências quase conceituais” (ou conceituais sugeridas). É importante salientar que a ordem de trabalho proposta neste tópico não se trata de um “fetichismo”<sup>13</sup> desenfreado, nem de um aprisionamento ao raciocínio dedutivo, tampouco a uma lógica teórico-positivista, em detrimento da indução, abdução e do tensionamento constantemente necessário entre os construtos teóricos e o caso prático, mas ao invés disso, de apenas uma organização preliminar de temáticas comuns aos campos na pesquisa, para posterior e mais cômico estabelecimento de outros níveis de inferências.

Por essa perspectiva, o primeiro desafio se dá na conceituação de dispositivo interacional, uma vez que o termo “dispositivo”, como bem salienta Giorgio Agamben, é decisivo na estratégia do pensamento foucaultiano, embora Foucault nunca tenha apresentado uma definição própria de tal termo técnico, mas que, em entrevista, o autor teria se aproximado de uma conceituação que pode ser resumida em três pontos, a saber:

- 1) É um conjunto heterogêneo, que inclui virtualmente qualquer coisa, linguístico e não-linguístico no mesmo título: discursos, instituições, edifícios, leis, medidas de segurança, proposições filosóficas, etc. O dispositivo em si mesmo é a rede que se estabelece entre esses elementos.
- 2) O dispositivo tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve sempre em uma relação de poder.
- 3) É algo de geral (um *reseau*, uma “rede”) porque inclui em si a episteme, que, para Foucault, é aquilo que, em uma certa sociedade, permite

<sup>12</sup> A contribuição epistemológica de outras ciências sociais ao campo da comunicação dar-se-á, aqui, conforme a perspectiva de Jairo Ferreira do método como “uma moeda de circulação” (FERREIRA, 2010, p. 50), através da qual é possível deslocar os métodos de seus lugares (campos) de origem.

<sup>13</sup> Vide GUSMÃO, Luis. O fetichismo do conceito: limites do conhecimento teórico na investigação social. Rio de Janeiro: Topbooks, 2012.

distinguir o que é aceito como um enunciado científico daquilo que não é científico (AGAMBEN, 2005, p. 09-10 – *grifo nosso*).

Percebe-se que o dispositivo é um conjunto que, mesmo em meio à heterogeneidade e diversidade do que inclui virtualmente, envolve estratégias de relações de força hábeis a condicionar determinados tipos de saber, bem como por estes serem condicionados, de modo que, por esse viés, o “dispositivo”, nessa concepção, é eminentemente interacional. Todavia, observa-se que Braga (2012b), quando emprega a adjetivação “interacional”, está tratando de uma tentativa de perceber melhor as interações dos participantes sociais, o que será retomado na discussão da ótica relacional de território.

Dentro deste contexto, ressalta-se que Agamben (2005) observa que os dicionários franceses de uso comum tendem a apontar três significados básicos para “dispositivo”, sendo estes: jurídico em sentido estrito, tecnológico e militar. Parafraseando o autor em questão, tem-se como jurídico, em sentido estrito, a parte de uma decisão judicial ou de uma lei, perceptível na expressão “um dispositivo legal”; já o sentido tecnológico seria a maneira em que são dispostas as peças de um mecanismo ou por extensão este em si mesmo (“*le mecanisme lui-meme*”<sup>14</sup>); por fim, o significado militar de junção dos meios em conformidade com um plano.

Ainda nesse sentido, é válido lembrar que Foucault (2014), refletindo sobre a figura arquitetural de Jeremy Bentham, apresenta o que, conforme Yazbek (2015), ele nomeou de “dispositivo panóptico”. E que constitui – o Panóptico – um aparelho cujas técnicas que permitem ver induzem os efeitos de poder, sendo o mais importante destes o de “induzir, no detento, um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder” (FOUCAULT, 2014, p. 195).

Portanto, o Panóptico seria um dispositivo importante na medida em que “automatiza e desindividualiza o poder”. Verifica-se, deste modo, o enriquecimento dos participantes/atores sociais com a adjetivação do termo, ainda que a priori pareça redundante falar de um dispositivo “interacional”, quando abordada a continuidade dessa discussão com a visão relacional do território. Veremos as nuances dessa qualificação, especialmente porque o conjunto heterogêneo deve ser verificado sempre de forma dinâmica e na condição de tentativa.

---

<sup>14</sup> “O próprio mecanismo” (Tradução livre).

Com vistas às interfaces teóricas dos conceitos de território / dispositivos interacionais e ao tensionamento das ideias afins a esses diante da hibridez da crackolândia enquanto dispositivo interacional, deve-se iniciar com uma análise etimológica, por meio da qual, sabe-se que a palavra território (*territorium*, em latim) derivaria diretamente do vocábulo latino *terra*, “e era utilizada pelo sistema romano dentro do chamado *jus terrendi* (...), como pedaço de terra apropriado, dentro dos limites de uma determinada jurisdição político-administrativa” (HAESBAERT, 2014, p. 43).

Com base na origem linguística do termo, é possível inferir sua relação com o espaço e, por esse mesmo motivo, deve-se distingui-los, pois, como afirma Raffestin (1993, p. 143), não são termos equivalentes e é “essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território”. Conforme este autor, o território se forma a partir do espaço, sendo o resultado de uma ação conduzida, uma projeção de trabalho; enquanto o “espaço é a “prisão original”, o território é a prisão que os homens constroem para si”. (RAFFESTIN, 1993, p. 144 – grifo nosso).

Percebe-se que, na concepção raffestiniana, o espaço preexiste a toda e qualquer ação, porém, com relação à interpretação de que o território pode se restringir simplesmente à base espaço-material em que se reproduz a sociedade, Raffestin e outros teóricos materialistas sofrem críticas voltadas para a não contemplação da dimensão política em sua conceituação. Nesse sentido, Souza (1995, p. 97 – grifos do autor) entende que ele não discerniu que “o território não é o substrato, o espaço social em si, mas sim um campo de forças, as relações de poder espacialmente delimitadas e operando, destarte, sobre um substrato referencial”.

Por outro lado, para Rogério Haesbaert, é possível realizar uma leitura mais condescendente de Raffestin (1993), na medida em que este supera a diferenciação simplista de “prisão original” e “prisão que os homens constroem para si”, quando observa que o espaço também pode ser “um trunfo” e o território “um campo de ação dos trunfos”, e, em continuidade a essa discussão acerca da dimensão política do território, observa que, “justamente por ser relacional, o território, é também movimento, fluidez, interconexão – em síntese e num sentido mais amplo, temporalidade” (HAESBAERT, 2014, p. 82).

Por esta ótica relacional do território, nota-se que o conceito e estudo deste demonstra uma ligação forte com a ideia de dispositivo interacional, que Braga (2012b,

p. 37 – grifo nosso) expõe como aquilo que ele está efetivamente interessado em estudar por esse caminho-tentativa: “tentar perceber que direcionamentos e intervenções os participantes sociais (indivíduos, grupos, instituições) tentam imprimir em suas interações”. O mesmo autor, em sua digressão filosófica com seus leitores e, em particular, com relação aos questionamentos de Ciro Marcondes Filho, deixa mais evidente que os dispositivos interacionais são uma tentativa de percepção dos seus processos em concreto:

Ora, buscar nos dispositivos interacionais gerados pela sociedade uma “percepção de seus processos para produção de previsibilidade” (Braga, 2010: 79) não significa, como Ciro [Marcondes] infere, que eu me situe em um “paradigma tecnocrático”, que pretenda pensar “a comunicação como um projeto que pode ser administrado” (Marcondes Filho, 2011a: 175) (BRAGA, 2012b, p. 37 – grifo nosso).

Assim, verifica-se que Braga (2010a) – como esclarece o próprio autor em outro trabalho supra reproduzido (BRAGA, 2012b) – quer buscar, com a ideia de “dispositivo interacional”, a percepção da lógica dos processos que o permeiam para consequentemente produzir previsibilidades, mas sem nenhuma imposição de um projeto a ser administrado, permitindo a extensão da abertura e do fechamento de diferentes circuitos. Por esse prisma, em outro trabalho, o mesmo autor (BRAGA, 2012a) fala de quatro conceitos que têm sido trabalhados com diversidade interna de reflexões, enfatizando, no artigo, os dois primeiros, a saber: circulação e circuitos.

Para os fins da pesquisa, interessará a discussão quanto aos circuitos. Destarte, como finalização dessa abordagem necessária dos conceitos teóricos nucleares, insere-se a discussão dos circuitos. Em um viés de esquemas de facilitação de entendimento, tem-se, via de regra, que os circuitos são espécies de esquemas, com delimitação de espaços/etapas, tendo uma vastidão de exemplos, tais como os circuitos elétricos, os de treinamento físico, etc. Logo, esses são demasiado úteis para a compreensão das características de um dado dispositivo interacional.

Com o intuito de superar uma abstração simplista do que se vê e nos direcionarmos a uma compreensão da racionalidade (a lógica) dos processos operantes e interagentes em um território (“campo de forças”, “relacional” e permeado por “fluidez e interconexão”), torna-se necessária a discussão aprofundada dos circuitos:

Uma questão que se põe aqui é a de como concretizar aspectos dessa perspectiva abrangente, de modo a transitar da elaboração reflexiva e ensaística para o trabalho da pesquisa empírica. Uma primeira aproximação corresponde a perceber que essa circulação em fluxo contínuo não é apenas uma descrição abstrata. Ela se manifesta concretamente na sociedade, na forma de circuitos – que são culturalmente praticados, são reconhecíveis por seus usuários e podem ser descritos e analisados por pesquisadores (BRAGA, 2012a, p. 41 – grifo nosso).

Conforme ensina o autor, os circuitos são “culturalmente praticados” e podem ser “descritos e analisados” por pesquisadores. Com esse viés, destaca-se que, na atualidade, a experiência social tem produzido o que Arantes (1994, p. 191) define como “lugares sociais efêmeros, particularmente no bojo dos conflitos e das sociabilidades que se constituem nas praças e ruas das chamadas megacidades”. Assim, com essa conotação de “guerra”, mais pertinente à discussão do território do crack, a eclosão desses lugares, ou não-lugares, fez o autor produzir questionamentos interessantes: “Como se estrutura o espaço social onde essa guerra ocorre?” e “Qual a natureza dessas fronteiras contraditórias que, a um só tempo, separam práticas sociais e visões de mundo antagônicas e as põe em contato, tornando possível o diálogo?” (Ibidem, p. 191).

Em meio a esse cenário de oposição em contato, Antônio Arantes utilizou-se de percursos (“caminhadas para observação”) e de desenhos feitos pelos usuários de drogas, para acessar o território simbólico da crackolândia paulista próximo à Praça da Sé, no qual ele aponta uma forma de manifestação do conflito socioespacial, “a guerra dos lugares”. Para Arantes (1994), na região da Praça da Sé, haveria a exposição da falta de direitos à cidadania da maioria da cidade, manifesta na incidência de assaltos no comércio, no consumo ostensivo de drogas e na mendicância.

Dentro desse cenário, por meio de tal interação surgiriam espaços liminares variados, entre o público e o privado, entre a necessidade e a propriedade privada, assim como “espaços residuais que, por seu esvaziamento por inúmeros segmentos sociais, quase que deixam de ser públicos, para o atendimento de fins particulares” (BRAGA, 2015, p. 63). Nesse sentido, pode-se conceber as crackolândias como “espaços híbridos”, pois conforme os autores articulados (Briggs e Burke; De Certeau; Lefebvre; Virilio; Castells) na tese de Sandra Mara Garcia Henriques, na conceituação de “espaços híbridos”, estes potencializam “a interação entre os indivíduos causando assim um impacto no meio social” (HENRIQUES, 2016, p. 08).

Com o intuito de esclarecer ainda mais a célere, mas paradoxalmente profunda abordagem teórica da crackolândia enquanto um “espaço híbrido”, deve-se pontuar que, para Henriques (2016, p. 15), os “espaços híbridos” denotam “a união entre espaço urbano e espaço virtual”. Porém, a apropriação aqui feita deste conceito vislumbra a hibridez do espaço urbano em outros planos, especialmente no que se refere ao público/o privado, ao lugar/o não-lugar, ao material/simbólico, e outros que se permeiam e cujos domínio e apropriação no dispositivo interacional crackolândia se perfaz de forma não só antagonica, mas também múltipla e híbrida, em suas dimensões e temporalidades, pelos seus diversos atores sociais.

Nesta lógica, mais propriamente no tocante à delimitação temática, torna-se relevante destacar, no que se refere à intenção da pesquisa de estudar as filmagens do sistema de monitoramento “Olho Vivo” a respeito da crackolândia situada próxima ao Mercado Municipal de Governador Valadares/MG, que se trata de um circuito fechado (ou um circuito interno), na medida em que mesmo tendo as câmeras rotação 360°, elas encontram-se afixadas em locais específicos, captando e transmitindo os sinais para a Central de Monitoramento no Comando de Operações da Polícia Militar (COPOM).

Por outro lado, a mesma crackolândia, enquanto território e dispositivo interacional, dentro da lógica da “guerra dos lugares” de Arantes (1994), deve ser tratada como “um circuito semiaberto”<sup>15</sup>, pois, como já demonstrado, o circuito em análise não é totalmente aberto, uma vez que comporta estranheza e até mesmo temor nos externos, mas também não é totalmente fechado, porquanto é permeável, constituindo um espaço de notável hibridez. Logo, trata-se de um “circuito semiaberto”. Destarte, infere-se que o relacionamento entre o circuito semiaberto da crackolândia com outros circuitos vizinhos, bem como entre as populações ali presentes, apresentam dupla-afetação capaz de gerar estabilidade onde se permeia a instabilidade.

Não obstante a presente pesquisa estar voltada para o estudo de “dispositivo” interacional ao invés de um “sistema” interacional, torna-se oportuno mencionar que a teoria geral dos sistemas de Bertalanffy (1977) permite, com as guardadas especificidades, uma analogia com os circuitos, pois se abordam os sistemas fechados e

---

<sup>15</sup> Propõe-se esse termo pois é o que melhor tem condições de abarcar o “funcionamento” da crackolândia enquanto um circuito híbrido, de contrastes marcantes e paradoxalmente evanescentes. Apresenta-se um esforço inicial de tal sugestão terminológica, mas iremos produzir, na sequência, um artigo que articule as noções de “espaço híbrido”, “guerra dos lugares” e outros afins que, inferencialmente, levem à categorização da crackolândia como um “circuito semiaberto”.

abertos, sendo os primeiros “isolados” e os segundos propiciadores de troca/importação/exportação de matéria. Assim, nos sistemas também há dinâmicas e transições de estágios que superam a classificação dual, por exemplo, a apropriação da teoria em análise feita por Moisés Sbardelotto que, ao estudar a interação dos elementos comunicacionais e religiosos em rituais católicos online, assevera que:

Nesse sentido, o sistema comunicacional-religioso abre-se ao fiel, que, em seu interior, insere “matéria religiosa”. Ocorre, por isso, *além de uma exportação sistema-fiel*, também uma *importação* nesse mesmo sentido. O fiel *constrói o religioso* no interior do sistema, que, por sua vez, reconstrói e remodela essa matéria, ou então demole e se desfaz dela (SBARDELOTTO, 2010, p. 08).

Pelo exposto acima, verifica-se uma dinâmica dos rituais religiosos na internet que denotam importações e exportações variadas no sistema e no fiel. Por outro lado, nesse mesmo caso, pensa-se no sistema religioso fora da internet, tratando mais precisamente dos circuitos comunicacional-religiosos e territorializando a análise destes, vê-se que, pela existência de ator(es) sintagmático(s)<sup>16</sup> que define(m) quais rituais poderão ou não estar na rede, de modo que poder-se-ia pensar em uma permeabilidade seletiva, não sendo uma impermeabilidade plena (*in casu* não um sistema ou circuito fechado), mas igualmente não se tratando de um sistema plenamente aberto.

Por esse prisma, *mutatis mutandis*, como já pontuado, as crackolândias – nas metrópoles e nas cidades de grande e médio porte – demandam compreensão especial para os circuitos conforme o método de aproximação (adentrando por meio de caminhadas é diferente de através do circuito de monitoramento com câmeras). Por esse raciocínio, é válido trazer à discussão o trabalho organizado por Maria Stella Bresciani. Em determinado ponto, a autora aponta a história da palavra inglesa “slum”<sup>17</sup>, demonstrando que teria perdido as aspas na escrita, no mesmo período em que emergiam os termos “suburb / suburbia” e demonstrando que o termo teria caráter estigmatizador (BRESCIANI, 2001). De forma análoga, ao se analisar o termo

<sup>16</sup> O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator “territorializa” o espaço (RAFFESTIN, 1993, p. 143).

<sup>17</sup> Palavra que possui traduções variadas no sentido de conjunto de casas estruturalmente inadequadas para habitação humana, cujos sinônimos mais comumente apontados no português são “favela” e “aglomerado urbano”.

“crackolândia”, que teve origem na imprensa, conforme pesquisa de Frugóli Jr. e Spaggiari (2011), constata-se, ao buscar uma conceituação que vá além da criada pela imprensa e TV, que essa também possui um caráter estigmatizador, pois ali não é a “terra do crack”<sup>18</sup>.

Nessa proposição que entende “a cidade como um livro aberto” (BRESCIANI, 2001, p. 18-19), que harmoniza-se com as já mencionadas “assinaturas urbanas” investigadas por Silveira (2010), a autora apresenta outro termo que se ligaria com a questão estética da área em foco: o “beco”.

Pela leitura, é quase que automático o inter-relacionamento do “beco” e de sua estigmatização coincidente com a das crackolândias – não só esta, mas todas que são quase sempre referidas como ambientes degradados, próximas a áreas demolidas e lotes vagos, constituindo os chamados por Arantes (1994) de “espaços residuais” dos centros comerciais. “O beco é sinistro, sujo, perigoso e feio” (BRESCIANI, 2001, p. 115). Deve-se notar que, ao tratar do “beco”, a autora em epígrafe está remontando o fato histórico que teria ocorrido na transição do século XIX para o XX, em Porto Alegre, denominado a “guerra dos becos”<sup>19</sup>, de modo que a imprensa estaria associando esses à “desordem, a violência e tomados como sinônimo de atraso urbano numa cidade que almejava se modernizar” (Ibidem, p. 98). Assim, o beco teria sido identificado como “reduto das socialidades condenadas” e tal fato seria agravado porque esses “espaços estigmatizados se achavam encravados no centro da cidade”. Nessa condição de reduto dos “excluídos urbanos”, o “beco”, segundo Bresciani (2001), poderia ser apontado então como o “calcanhar de Aquiles” do centro de Porto Alegre.

Embora apenas analogias visuais sejam cabíveis da crackolândia em estudo com os “becos” de Bresciani (2001), deve-se relembrar que os levantamentos da formação histórica do lugar fazem questionar se não haveria mais similaridades supra estéticas. Deste modo, salienta-se que a crackolândia está no seio do Mercado Municipal, que é

---

<sup>18</sup> Conforme já explicado, a expressão “cena de uso” veio para amenizar essa questão do caráter midiático de “crackolândia”, mas o termo “cena” carrega uma relação muito forte com o dramatismo, podendo ser polissêmico nas abordagens territorial e comunicacional. Daí seu uso foi evitado.

<sup>19</sup> De acordo com Bresciani (2001, p. 98), “A ‘guerra dos becos’ culminaria, na década de 60, com uma série de medidas públicas de intervenção que, redesenhando a cidade, apagariam fisicamente do espaço urbano a sua presença”.

um local movimentado, de um comércio vivo, mas não muito lembrados (nem o Mercado<sup>20</sup>, tampouco a crackolândia) nas fontes pesquisadas.

Diante do todo esse percurso teórico-conceitual, com fulcro na lógica abstraída de Moreira e Hespanhol (2007, p. 49), no sentido de que apreender o lugar é “contextualizá-lo em suas acepções teóricas”, este esforço se constituiu enquanto tentativa de contextualizar teoricamente a área objeto de estudo da pesquisa, de modo a possibilitar a produção das inferências abaixo dispostas:

1) Há harmonia e complementariedade para situações diversas entre a ideia de “dispositivo” (AGAMBEN, 2005; FOUCAULT, 2014), “dispositivo interacional” (BRAGA, 2010a; 2012a; 2012b) e a ótica relacional de território (RAFFESTIN, 1993; HAESBAERT, 2014, e outros).

2) Entre crackolândias e outros lugares de usos mais precários (e.g. “becos”) há similaridades na carga negativa imposta, de caráter higienista e rotulador, no sentido de serem apontados como lugares “escuros”, “sujos”, “esquecidos” ou “a esquecer”, “de perigo”, “marginalizados” (ARANTES, 1994; BRESCIANI, 2001; BRAGA, 2015).

3) A visão de circuito apontada por Braga (2012a) é muito relevante para o estudo em questão. Contudo, os desdobramentos de circuitos aberto e fechado tão-somente não são capazes de abstrair os contornos do “espaço híbrido” e “de confusão” das crackolândias, quando investigada, além de pelo circuito interno das câmeras, “caminhando” por seu território, de modo a demandar uma qualificação extra (a de semiaberto aqui proposta).

## **A PROPOSTA DA DIALÉTICA DOS OLHARES ENQUANTO TENTATIVA HEURÍSTICO-INDICIÁRIA**

Embora o tensionamento entre teoria e objeto traga pistas de um caminho a ser trilhado, a complexidade que abarca a busca inventiva de métodos para ida a campo é muito maior. Assim sendo, de antemão, deve-se explicitar que a proposta metodológica aqui não é algo pronto e acabado, mas sim um múltiplo-dinâmico, que se forma, deforma e transforma(-se) nas suas interações, tal qual os observáveis a que busca compreender.

---

<sup>20</sup> A respeito de o Mercado Municipal ser pouco e mal mencionado, ou mesmo “olvidado”, em relevantes registros do comércio valadarense, cf.. ESPÍNDOLA, 1999; SANTOS, 2006; FIEMG, 2017.

Nesse sentido, tem-se desenvolvido, para pesquisa da crackolândia enquanto dispositivo interacional, um procedimento metodológico análogo ao vislumbrado com relação às áreas da cidade de Porto Alegre/RS na tese de Fabrício Silveira (SILVEIRA, 2003), ou de sua abordagem posterior (SILVEIRA, 2010), no sentido de realizar percursos na forma de “trajetos antropológicos”<sup>21</sup>.

Desta maneira, busca-se imergir no território da crackolândia e percorrê-lo enquanto dispositivo interacional, dentro de uma possível e diversificada etnografia de olhares (circunscritos e exorbitantes; tópicos e distópicos; etc.) nos “jogos”<sup>22</sup> possíveis entre: o ver e ser visto; o ver e não ser visto; o não ver e ser visto.

O pesquisador que realiza o percurso deve, em certa medida, ver sem ser visto, bem como, às vezes, ser visto como desinteressado, para interferir pouco no processo interacional do dispositivo que ele “invade”, mas, além disso, pergunta-se: o que ele deve ver? De fato, o que está exposto será alcançável à visão, enquanto sentido, por ele e por qualquer outro passante. Porém, deve procurar pelos indícios “negligenciáveis”, na concepção de Carlo Ginzburg (1986), estando atento ao imprevisto, ao inusitado e ao normalmente não visto.

À procura pelos indícios “processuais-interacionais”, evidentes e negligenciáveis, num estudo do caso da crackolândia em questão (BECKER, 1993; BRAGA, 2008, 2012a, 2012b; GINZBURG, 1987; POPPER, 1999; e outros) são lançados os olhares. Vale enriquecer com o exemplo de Weschenfelder (2016) que, apropriando-se da ideia benjaminiana de “rastros” para buscar “ver o invisível” no plano cinematográfico, fez o uso de conceitos adequados à sua situacionalidade de pesquisa (e.g. “olhos ausentes” e “pontos cegos”). Assim, as maiores questões que permeiam a metodologia proposta para perceber a crackolândia em estudo se dão na seara do olhar, mais especificamente, o que olhar, como olhar, quando olhar, etc.

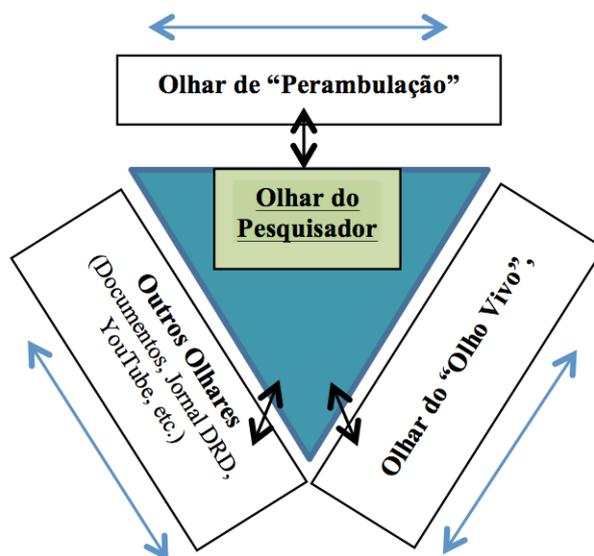
---

<sup>21</sup> “O sentido de um imaginário forma-se ao longo de um percurso entre, de um lado, as formas universais e invariantes do *genus homo* e suas formas localizadas, bem como, de outro, entre a esfera de sua inserção física no mundo e a esfera dos discursos sobre essa inserção. A esse percurso se dá o nome de trajeto antropológico, troca incessante entre as pulsões subjetivas do domínio arquetipal [...]” (COELHO, 1999, p. 355 – grifo nosso).

<sup>22</sup> Expressão aqui utilizada na acepção de “estratégia”, como se abstrai da leitura de Bourdieu (2004).

Nas possibilidades de ver, apresenta-se o que convém chamar de “dialética dos olhares”<sup>23</sup>, a qual pode ser didaticamente dividida em três dimensões, a saber: 1) Olhar de “Perambulação”, 2) Olhar do “Olho Vivo” e 3) “Outros Olhares”.

**Fig. 1 – A “dialética dos olhares”**



**Fonte:** Da pesquisa.

Em termos epistemológicos, a questão dos “olhares” permeia o comunicacional até mesmo no posicionamento da comunicação enquanto disciplina, pois há um “solapamento” dos critérios positivistas de objeto e método para delimitar o que é ou não de uma disciplina acadêmica. Para além dessa visão reducionista de “exclusividades”, uma disciplina irá se constituir “também por seus próprios requisitos internos, seu desenho específico de teorias, de epistemologia, de constituição de visada ontológica, de ângulos de enfrentamento do mundo, no trabalho da pesquisa” (BRAGA, 2010, p. 25-26, grifo nosso).

Portanto, na “dialética dos olhares”, ora abordada, se trata, antes de tudo, de buscar, desde o início da pesquisa, o olhar comunicacional-interacional. Ressalta-se que todos esses olhares permeiam o “Filtro” do Olhar do Pesquisador. Cumpre salientar que

<sup>23</sup> Embora também esteja inspirado por leituras de Walter Benjamin (e também de outros autores, e.g. De Certeau, Foucault, etc.), o procedimento aqui explicitado não tem ligação direta com a “reconstrução” do projeto das *Passagens* (*Passagen-Werk*) do referido autor em Buck-Morss (2002), razão pela qual a expressão foi refeita (como “uma dialética dos olhares”, no plural).

a análise das filmagens é somente um recurso metodológico da pesquisa, o qual deve também ser tensionado, no sentido de que o olhar da câmera (Olhar do “Olho Vivo”) é, de certa forma, um olhar parcial, visto ser “um olhar do Estado”<sup>24</sup>, o qual, quando focaliza em algo, estará, invariavelmente, sempre ignorando o resto do ambiente circundante que não fora registrado (de certa forma, “olhos ausentes” e “pontos cegos”).

Destarte, o tensionamento pela teoria e por meio de outras fontes documentais (“Outros Olhares”) deve ser uma constante. Ademais, a observação *in loco* torna-se sempre encarada como mais um olhar – o Olhar de “Perambulação”<sup>25</sup>. Dentre as várias inferências produtivas desse procedimento heurístico, menciona-se a de que o dispositivo interacional sob investigação apresenta intensa circulação e movimentos, conforme necessidade adaptativa à dinâmica oscilação entre os sistemas / circuitos aberto, semiaberto e fechado, aparentando ter seu ápice nos dias de domingo, durante o período da feira do Mercado Municipal.

Assim, em etapa conclusiva deste trabalho, afirma-se que, por meio da articulação de olhares (tensionadores, antitéticos, vigilantes, totais, esquadrinhadores, perambulantes, de memória e outros diversos) lançados sobre os observáveis, estes têm dito demasiadamente sobre a pesquisa em comunicação, exigindo sínteses, as quais, longe de serem produtos finais, são sobreviventes indiciariamente provisórios da dialética dos olhares.

É articulando esses vetores estruturantes de nossa proposta teórico-metodológica que procuraremos ir em frente, na expectativa de que muitas particularidades do dispositivo interacional aqui circunscrito se façam compreender melhor, tanto naquilo que lhes é próprio e específico, quanto naquilo que, por projeção (e/ou trabalho comedido de reenquadramento teórico) se pode também utilizar para compreender, posteriormente, fenômenos midiático-comunicacionais correlatos.

---

<sup>24</sup> A análise é trabalhada com fundamento teórico na temática “vigilância” na perspectiva do Panóptico (Jeremy Benthan e Michel Foucault) de forma bastante atual, bem como é tensionada por Bruno, Kanashiro e Firmino (2013), Bruno (2010), Bauman (2014) e David Lyon (2006), nas perspectivas de “vigilância e visibilidade”, as “máquinas de ver e os modos de ser”, “vigilância líquida” e “sinóptico e escopofilia”. Ademais, na pesquisa, proceder-se-ão aos complementos descritivos pela perspectiva de autores voltados para abordagem do conteúdo imagético propriamente dito. Um primeiro esforço nesse sentido, ainda prematuro em tensionamentos do olhar vigilante, pode ser encontrado em Braga e Santos (2017).

<sup>25</sup> Na condição de um andarilho-*voyeur* (CERTEAU, 1993 e 2011) que observa as práticas cotidianas e não estabelece apenas um olhar de cima, serão verificadas no observável dispositivo interacional as interações de populações (usuários, comerciantes, autoridades públicas, transeuntes) e, principalmente, as interações destas com o território material, proposições e questões epistemológicas acerca das lógicas dos processos interacionais operantes no dispositivo crackolândia, bem como de seus circuitos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? **Outra travessia**, eISSN 2176-8552, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC, n. 5 (2005), 2º Semestre. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12576>. Acesso em: 04/11/2017.

ARANTES, Antônio A. A guerra dos lugares – sobre fronteiras simbólicas e liminaridades no espaço urbano. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, nº 23, pp. 191-203, 1994.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papyrus, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. **Vigilância líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1993.

BERTALANFFY, Ludwig von. **Teoria Geral dos Sistemas**. 3a ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

BONIN, Jiani. “Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. In: MALDONADO, Alberto Efendy [et. Al.]. **Metodologias de pesquisa em comunicação**: olhares, trilhas e processos. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

BOURDIEU, Pierre. Da regra às estratégias. in: **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 77-95.

BRASIL. Secretaria Nacional de Segurança Pública. Curso Nacional de Multiplicador de Polícia Comunitária / Secretaria Nacional de Segurança Pública. – 5. ed. – Brasília: Ministério da Justiça, 2013, 504p.

BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. **Matrizes**. Revista do Programa de Pós- Graduação em Ciências da Comunicação da USP. São Paulo: ECA/USP. Ano. N. 2 abr. 2008. p. 73-88. Disponível em: [www.revistas.univerciencia.org/index.php/MATRIZES/article/download/5235/5259](http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/MATRIZES/article/download/5235/5259); Acesso em: 23/07/2017.

\_\_\_\_\_. Nem rara, nem ausente – tentativa. **Matrizes**, Ano 4, no 1, jul./dez. São Paulo: ECA/USP, p. 65- 81, 2010a. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38276/41086>. Acesso em: 06/08/2017.

\_\_\_\_\_. Disciplina ou campo? O desafio da consolidação dos estudos em comunicação. In: FERREIRA, Jairo; FREITAS, Luiz Antônio Signates; PIMENTA,

Francisco José Paoliello. **Estudos da comunicação**: transversalidades epistemológicas. – São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2010b, p. 19-38.

\_\_\_\_\_. A prática da pesquisa em Comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões. **Revista E-Compós**, vol. 14, no 1, Brasília: Compós, 2011, p. 1-33. Endereço: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/665/503>. Acessado em: 12/11/2017.

\_\_\_\_\_. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, MA., JANOTTI JUNIOR, J., and JACKS, N., orgs. **Mediação & midiaticização** [online]. Salvador: EDUFBA, 2012a, pp. 29-52. ISBN 978-85-232-1205-6. Available from SciELO Books.

\_\_\_\_\_. Interaction as Context of Communication. **Matrizes**. Revista do Programa de Pós- Graduação em Ciências da Comunicação da USP. São Paulo:ECA/USP. Ano 6. n. 1 jul-dez. p. 25-41. 2012b. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/viewFile/48048/51802>; Acesso em: 23/07/2017.

BRAGA, Tiago Farias. **O território da crackolândia**: um “novo-antigo” calcanhar de Aquiles do Centro de Governador Valadares. 2015, 220f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Gestão Integrada do Território, Universidade do Vale do Rio Doce, Governador Valadares.

BRAGA, Tiago Farias; SANTOS, Mauro Augusto. (2017). Uma crackolândia de Governador Valadares: abordagem territorial a partir das imagens do sistema de monitoramento Olho Vivo. **REBESP** – Revista Brasileira de Estudos de Segurança Pública. Goiânia: PMGO. v. 10, n. 2, 2017, p. 29-40. Disponível em: <http://revista.ssp.go.gov.br/index.php?journal=rebsp>; Acesso em: 21/06/2018.

BRESCIANI, Maria Stella. **Palavras da cidade**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001, 119p. BRUNO, Fernanda. **Vigilância e visibilidade**: espaço, tecnologia e identificação. Porto Alegre: Sulina, 2010, 296 p.

BRUNO, Fernanda; KANASHIRO, Marta; FIRMINO, Rodrigo. **Máquinas de ver, modos de ser**: vigilância, tecnologia e subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2013, 190 p. CERTEAU, Michel de. **Andando na Cidade**. Tradução Anna Olga de Barros Barreto. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, nº 23, 1993, pp. 21-31.

\_\_\_\_\_. **A invenção do cotidiano**: 1 Artes de fazer. Tradução Ephraim Ferreira Alves – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ESPÍNDOLA, Haruf Salmen. **História da Associação comercial de Governador Valadares**. Governador Valadares: ACGV, 1999, 198 p.

FERREIRA, Jairo. O método como valor de trocas nas ciências sociais. In: FERREIRA, Jairo; FREITAS, Luiz Antônio Signates; PIMENTA, Francisco José Paoliello. **Estudos da comunicação**: transversalidades epistemológicas. – São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2010, p. 19-38.

FIEMG. Vídeo de 2min54seg de divulgação da cidade de Governador Valadares/MG. Elaborado pela Agenda de Convergência da Regional Rio Doce da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (FIEMG). 2017.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. 42. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

FRÚGOLI JR., Heitor; SPAGGIARI, Enrico. Networks and territorialities: an ethnographic approach to the so-called cracklândia ["crackland"] in São Paulo. **Vibrant**, Virtual Braz. Anthr. vol.8 no.2 Brasília July/Dec. 2011.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário, in **Mitos, emblemas, sinais** – morfologia e história. São Paulo: Companhia da Letras, 1989.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 8 .ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

HENRIQUES, Sandra Mara Garcia. **Etnografia móvel**: uma proposta metodológica para os estudos da mobilidade na comunicação. Tese de Doutorado, PUCRS. 2016 <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/6881>.

LYON, David (2006). 11/9, Synopticon, and Scopophilia: Watching and being watched. In: BRUNO, Fernanda; KANASHIRO, Marta; FIRMINO, Rodrigo. **Máquinas de ver, modos de ser**: vigilância, tecnologia e subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2013, p. 115-140.

POPPER, Karl. A lógica e a evolução da teoria científica. In: **A vida é aprendizagem** – epistemologia evolutiva e sociedade aberta. Lisboa: Edições 70, 2001, p. 17-34.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo, Ática, 1993.

SBARDELOTTO, Moisés. **Entre Bits e Pixels**: Uma Análise Processual e Sistêmica da Comunicação em Rituais Católicos Online. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Caxias do Sul, RS – 2 a 6 de setembro de 2010.

SFEZ, Lucien. **Técnica e Ideologia**. Uma questão de poder. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.

SILVEIRA, Fabrício. **O Parque dos Objetos Mortos**: e outros ensaios de comunicação urbana. 1.ed. Porto Alegre: Armazém Digital, 2010, 126 p.

SILVEIRA, Fabrício. **Situacionalidades televisivas**: comunicação, consumo e cultura material. 2003. 288 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2003.

SOUZA, M.L.. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In CASTRO, I. et al. (org.) **Geografia**: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

# TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA

VITOR, Caio; PAIVA, Rafael; CONCLI, Raphael; BRUCOLI, Rodrigo; GARCIA, Vitor. Resistências e conflitos marcam a gentrificação em São Paulo. 07/02/2018. Disponível em: <http://paineira.usp.br/aun/index.php/2018/02/07/resistencias-e-conflitos-marcam-a-gentrificacao-em-sao-paulo/> Acessado em: 09/05/2018.

WESCHENFELDER, Ricardo. **Rastros do invisível no plano cinematográfico**. 2016. 161 f.: il. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2003.

YAZBEK, André Constantino. **10 lições sobre Foucault**. 6. ed. Petrópolis. RJ: Vozes, 2015.